

Outubro 2025

# CARTA MENSAL



**BNP PARIBAS**  
**ASSET MANAGEMENT**

O investidor  
sustentável para um  
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,  
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.  
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.  
Chief Investment Officer  
BNP Paribas Asset Management Brasil

//



# ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// COM O TÉRMINO DO SHUTDOWN, SERÁ POSSÍVEL AVALIAR COM MAIOR PRECISÃO O GRAU DE DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA AMERICANA E ESTIMAR A EXTENSÃO DO CICLO DE FLEXIBILIZAÇÃO. //

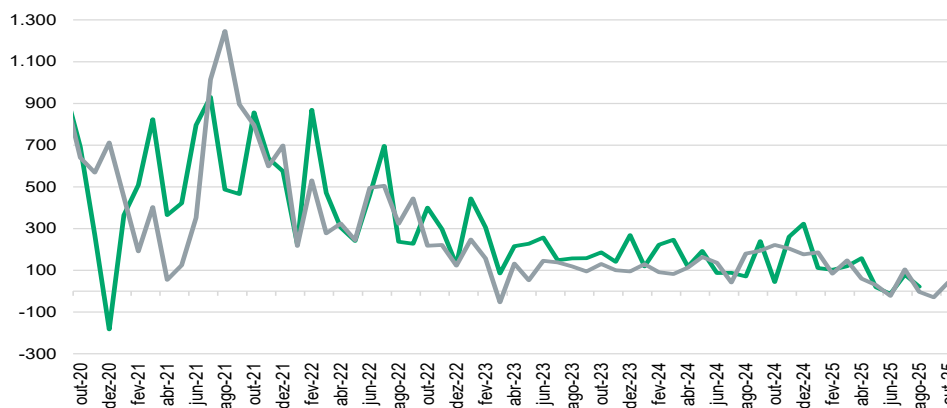
## ECONOMIA INTERNACIONAL

Os meses de outubro e o início de novembro foram marcados por um movimento de valorização do dólar no mercado externo, especialmente frente às moedas de países desenvolvidos. Após um período prolongado de enfraquecimento, essa tendência se esgotou em meio a um ambiente econômico conturbado, caracterizado pelo *shutdown* do governo americano e pela postura mais cautelosa do Federal Reserve (Fed) em relação à política monetária.

O *shutdown* nos Estados Unidos tem impactado a divulgação de diversos indicadores fundamentais para a avaliação da economia americana e, conseqüentemente, para a definição da política monetária adequada. Antes da paralisação, os dados do mercado de trabalho, em especial o *payroll*, apontavam para uma desaceleração significativa, aumentando os riscos para o cumprimento do mandato de pleno emprego do Fed. Por outro lado, a atividade econômica permanecia resiliente, sobretudo no consumo, enquanto a inflação refletia o efeito das tarifas sobre os preços de bens, elevando os riscos para o cumprimento da meta de inflação de 3% estabelecida pelo banco central americano. Diante dessa dicotomia, o Fed retomou o ciclo de cortes de juros como medida preventiva, e o mercado projetava a continuidade desse movimento por algumas reuniões.

Na última reunião, o Fed reduziu a taxa em 25 pontos-base, para o intervalo entre 3,75% e 4%. Entretanto, o presidente Jerome Powell adotou um tom mais restritivo do que o esperado, sinalizando a possibilidade de não realizar novo corte na reunião de dezembro. Segundo Powell, a ausência de dados oficiais exige maior cautela nos próximos passos. Em nossa avaliação, o arrefecimento do mercado de trabalho observado até o momento, aliado aos dados privados disponíveis, justificaria um novo corte em dezembro. Com o término do *shutdown*, será possível avaliar com maior precisão o grau de desaceleração da economia americana e estimar a extensão do ciclo de flexibilização. Contudo, as atuais condições de resiliência da atividade, a manutenção de condições financeiras frouxas e o avanço da inflação não sugerem necessidade de cortes que levem a política monetária para território estimulativo.

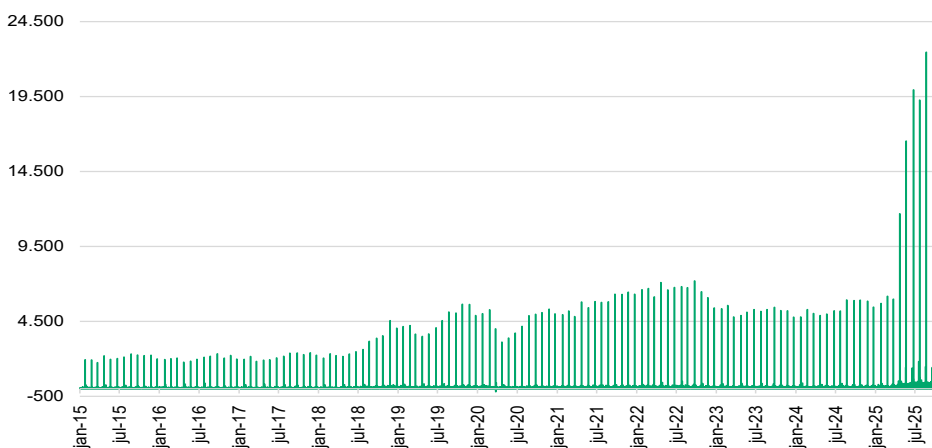
**Gráfico 01**  
EUA: Dados Mercado de Trabalho (mil)



Fonte: Bureau of Labor Statistics e ADP Research. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em outubro/2025.

No âmbito político, além do *shutdown*, as tarifas comerciais continuam sendo fonte de incerteza. A Suprema Corte dos Estados Unidos iniciou o julgamento sobre a legalidade das tarifas impostas pela administração Trump sob o regime de emergência previsto no *IEEPA (International Emergency Economic Powers Act)*. O processo deve se estender por alguns meses, mas, caso seja determinada a ilegalidade das tarifas, haverá suspensão imediata e necessidade de reembolso integral dos valores cobrados, o que implicaria um impacto fiscal negativo significativo. Por outro lado, a remoção das tarifas reduziria a tarifa efetiva de importação entre 8% e 10%, diminuindo pressões inflacionárias. Vale notar que Trump pode recorrer a outras formas de imposição de tarifas posteriormente para compensar essa perda.

**Gráfico 02**  
EUA: Depósitos do Tesouro Referentes à Receita Alfandegária (diário, milhões de dólares)



Fonte: U.S. Department of the Treasury. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em outubro/2025.

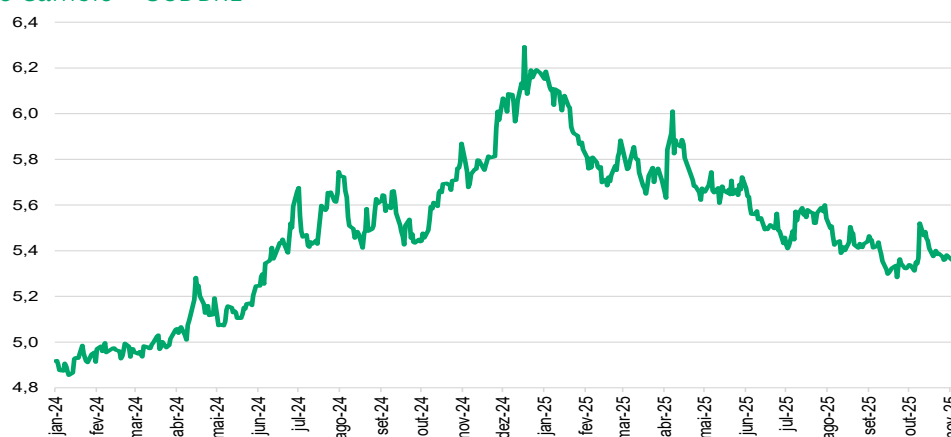
## ECONOMIA BRASILEIRA

Do lado doméstico, o carregamento advindo dos 15% de taxa Selic continua favorecendo o real. No cenário doméstico, apesar da valorização do dólar frente às moedas de países desenvolvidos, a taxa de câmbio encerrou outubro em patamar benigno, abaixo de R\$ 5,40. O real continua se beneficiando do elevado diferencial de juros (*carry trade*), mesmo diante das pressões típicas de saída de fluxo no final do ano.

// ESSE CONJUNTO DE FATORES TEM FAVORECIDO A QUEDA DAS EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO, TANTO PARA PERÍODOS MAIS CURTOS QUANTO PARA OS MAIS LONGOS. ESSE PROCESSO DE REANCORAGEM DAS EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO REDUZ O CUSTO DO BANCO CENTRAL AO BUSCAR A CONVERGÊNCIA DA INFLAÇÃO PARA A META. //

### Gráfico 03

#### Taxa de Câmbio - USDBRL



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em outubro/2025.

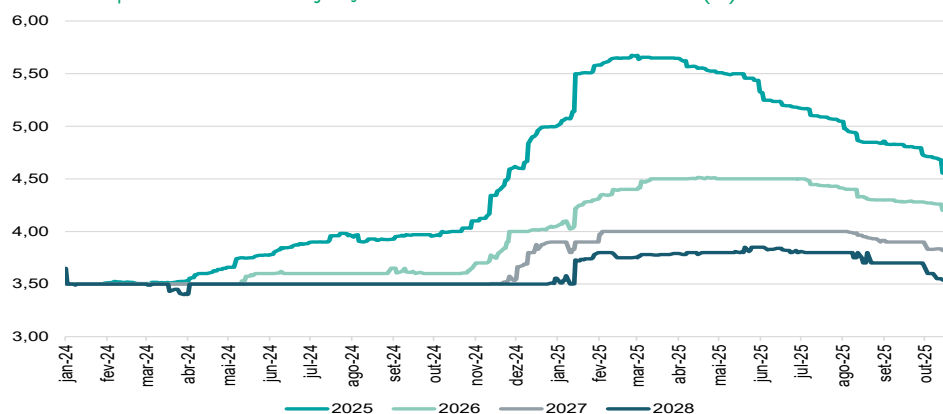
Do ponto de vista macroeconômico, observa-se melhora nos fundamentos relacionados à inflação. A combinação de câmbio favorável e queda das commodities confere viés positivo às projeções de inflação de bens industriais à frente. Além disso, a atividade econômica apresenta sinais de desaceleração, reflexo do nível elevado de juros reais, o que deve contribuir para redução da inflação de serviços.

Paralelamente, a inflação corrente tem mostrado melhora qualitativa. A média dos núcleos de inflação, indicador acompanhado pelo Banco Central (BC) para mensurar componentes menos voláteis, passou a oscilar em patamar compatível com o cumprimento da meta. A difusão está abaixo de 60% e a inflação de serviços subjacentes apresentou desaceleração expressiva nos últimos meses.

Esse conjunto de fatores tem favorecido a queda das expectativas de inflação, tanto para períodos mais curtos quanto para os mais longos. Esse processo de reancoragem das expectativas de inflação reduz o custo do BC ao buscar a convergência da inflação para a meta. Ao mesmo tempo, a autoridade monetária mantém postura firme quanto à necessidade de política contracionista, reforçando o movimento de redução das expectativas

### Gráfico 04

#### Mediana das Expectativas de Inflação Anual do Boletim Focus (%)



Fonte: Boletim Focus - Banco Central do Brasil. Elaboração: BNPP AM. Atualizado em outubro/2025.

De fato, na última reunião do COPOM, o BC manteve a Selic em 15%, preservando a linguagem *hawk* adotada até então. O comitê reiterou a necessidade de manter a política monetária em nível significativamente contracionista por período “bastante prolongado” e destacou que não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso julgue necessário. Por outro lado, o comunicado trouxe nuances mais brandas, como o reconhecimento da moderação nos indicadores de atividade e do arrefecimento nas medidas de inflação e a redução da projeção de inflação do horizonte relevante (seis trimestres) de 3,4% para 3,3%.

Consideramos que essas alterações estão alinhadas ao nosso cenário de início do ciclo de cortes de juros a partir de janeiro, embora a manutenção do discurso mais duro represente risco de postergação. Para os próximos meses, projetamos continuidade da desaceleração da atividade e da inflação, bem como queda adicional das expectativas, criando espaço para flexibilização monetária no primeiro trimestre de 2026.

# RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// PELAS SIMULAÇÕES QUE FAZEMOS DO MODELO DE INFLAÇÃO DO BC, NA REUNIÃO DO COPOM DE JANEIRO, A INFLAÇÃO NO HORIZONTE RELEVANTE PARA POLÍTICA MONETÁRIA DEVE FICAR EM TORNO DE 3,2%, AO REDOR DA META.



## Cada vez mais próximo

O cenário doméstico evolui de forma ordenada, com acomodação da outrora aquecida atividade econômica e inflação corrente em níveis historicamente baixos: o IPCA-15 de outubro (0,18%) foi uma das menores leituras para o mês desde 2012. As expectativas também cedem rápido: o IPCA de 2025 no Focus já está em 4,55%, vindo de 5,67% no primeiro semestre, próximo do teto da meta. O BC segue na encruzilhada para reforçar a ancoragem, mas a batalha está sendo vencida: desde setembro, os prazos mais longos – de maior relevância na modelagem do BC – cederam razoavelmente em direção a meta. Pelas simulações que fazemos do modelo de inflação do BC, na reunião do Copom de janeiro, a inflação no horizonte relevante para política monetária deve ficar em torno de 3,2%, ao redor da meta. Exatamente com essa projeção, vimos Roberto Campos iniciar o ciclo de corte anterior, portanto parece factível termos uma preparação de terreno nos próximos meses para ver a Selic cair no início de 2026.

No exterior, tivemos um pequeno revés nos juros americanos, com a comunicação mais dura do Fed, colocando em dúvida a queda esperada em dezembro. Entretanto, não observamos uma reação dos ativos locais. Pelo contrário, a bolsa opera em níveis recorde e o BRL não se depreciou de modo relevante, o que poderia ameaçar a queda da inflação, caso ocorresse.

Esperamos que a dinâmica de inflação continue favorável, com impacto positivo na curva de juros. A manutenção da disciplina fiscal será essencial para sustentar esse cenário. No exterior, seguimos atentos à trajetória dos juros nos EUA e à evolução das tarifas, que podem influenciar fluxos para mercados emergentes.

Esse pano de fundo favorece a curva de juros, com fechamento nos juros nominais, e sustenta um ambiente positivo para ativos de risco. Mantemos uma postura construtiva, com alocações direcionadas a capturar esse movimento, com posições predominantes em pré-fixado na região intermediária da curva, complementados por posições táticas de incremento de risco.

# CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman  
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// NO MERCADO IPCA ISENTO, DEPOIS DE TERMOS ATINGIDO O MENOR NÍVEL DE SPREADS DOS ÚLTIMOS ANOS, OBSERVAMOS UMA ABERTURA RELEVANTE DE 50BPS NA ÚLTIMA QUINZENA DO MÊS.

//

O mercado de crédito continua resiliente, com os fundos de crédito privado registrando uma captação líquida novamente positiva (com mais de R\$ 22 bilhões nos fundos CDI e R\$ 15 bilhões nos fundos de infraestrutura durante o mês de outubro). As emissões no mercado primário registraram R\$ 69 bi em títulos de crédito, com o percentual distribuído de 55% (*versus* 61% em setembro de 2025). O mercado secundário manteve o crescimento recente dos últimos meses, e atingiu o seu maior valor da série histórica, somando R\$ 126,5 bi.

No segmento de papéis não isentos atrelados ao CDI, observamos uma abertura de spread relevante no segmento *high yield*, resultado de alguns eventos de crédito. No segmento *high grade* a média simples dos spreads de crédito se manteve relativamente estável, apresentando uma leve abertura. No mercado IPCA isento, depois de termos atingido o menor nível de spreads dos últimos anos observamos uma abertura relevante de 50bps na última quinzena do mês. Essa abertura foi provocada por movimentos de venda de alguns *players* de mercado e pelo fechamento para captação de vários fundos após a medida provisória que tributava as debêntures incentivadas em 2026 caducar no Congresso.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, continuamos dando preferência a alocação em títulos de crédito bancário, devido a redução do diferencial de prêmio de risco entre ativos bancários e ativos corporativos. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência dos seguintes riscos percebidos: a incerteza sobre a política fiscal e a execução orçamentária no Brasil, a volatilidade trazida pelas políticas adotadas pelo governo Trump e o rumo da política monetária dos EUA e Brasil.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 90%. O prazo médio da carteira é superior ao IMA-B5 em função da menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que os ativos indexados à inflação com uma duration intermediária oferecerão uma ótima oportunidade de diversificação.

# RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// **ESSA DINÂMICA SUSTENTA A TESE DE QUE, EMBORA A TAXA DE JUROS NORTE AMERICANA PERMANEÇA EM PATAMARES RELATIVAMENTE ALTOS, A EXPECTATIVA DE CORTES FUTUROS JÁ ESTÁ AMPLAMENTE PRECIFICADA, O QUE TEM FORTALECIDO O APETITE AO RISCO.**



O mês de outubro trouxe um panorama de desempenho desigual, com as duas primeiras semanas marcadas por uma postura mais cautelosa dos investidores e as duas últimas apresentando uma recuperação vigorosa. Essa trajetória reflete a combinação de fatores macroeconômicos, a evolução avançada da temporada de resultados corporativos – tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil – e a atenção contínua ao impacto das inovações em inteligência artificial (IA). Nos mercados globais, os ganhos foram amplificados, dando continuidade ao ritmo de alta observado em setembro. Entre os principais motores desse impulso, destacam-se notícias mais favoráveis sobre o impasse tarifário entre Estados Unidos e China, resultados robustos das empresas americanas no terceiro trimestre de 2025 e a publicação de resultados por 75% das companhias que compõem o índice S&P 500, os quais revelaram uma surpresa positiva de lucro de 6%. Além disso, o segundo corte da taxa de juros pelo Fed reforçou o otimismo em relação a ativos de risco, contribuindo para que o próprio S&P 500 encerrasse o mês com alta de 2,27%, movimento que foi replicado pelos demais mercados desenvolvidos, elevando o índice MSCI World a 1,94% de valorização.

Nos mercados emergentes, o MSCI Emerging Markets subiu 4,12% no período, impulsionado principalmente pelos desempenhos da Coreia do Sul e de Taiwan, que se beneficiaram do ritmo de crescimento das empresas de tecnologia, e pelo Chile, que se valorizou graças ao reforço das commodities minerais, sobretudo o cobre. As commodities foram protagonistas em outubro: o preço do barril de petróleo sofreu uma retração de 1,45%, enquanto o minério de ferro avançou 1,79% e metais como alumínio e cobre registraram altas de 7,59% e 6,03%, respectivamente. No Brasil, as bolsas terminaram o mês em alta, porém de forma mais tímida que seus pares internacionais, refletindo uma ligeira desvalorização do real e um ambiente de juros ainda elevado. O Ibovespa alcançou novos patamares, fechando em 149.540 pontos, o que representa um ganho de 2,26%, enquanto o índice Small Caps avançou apenas 0,43%. Essa diferença decorre do peso maior dos setores de mineração, siderurgia e indústria – beneficiados pela elevação dos preços das commodities minerais – e da pressão negativa sobre o setor de óleo e gás, que foi penalizado pela queda do petróleo.

A temporada de resultados nos Estados Unidos está mais avançada que a brasileira e já trouxe surpresas positivas. As gigantes de tecnologia reiteraram o papel central da IA em seus modelos de negócios, anunciando investimentos adicionais para os próximos anos e apresentando receitas superiores às expectativas. Essa dinâmica sustenta a tese de que, embora a taxa de juros norte americana permaneça em patamares relativamente altos, a expectativa de cortes futuros já está amplamente precificada, o que tem fortalecido o apetite ao risco. Um ponto que gerou preocupação ao início do mês foi a possibilidade de resultados bancários mais fracos devido ao aumento da inadimplência. Tal deterioração não se materializou; os bancos, sobretudo os regionais, mantiveram níveis de inadimplência dentro da margem esperada, o que mitigou o temerário cenário de crédito.

No cenário brasileiro, fatores microeconômicos específicos foram decisivos para a performance

---

mais destacada. A Vale apresentou resultados financeiros positivos, alavancados por preços de minério de ferro mais favoráveis tanto em termos trimestrais quanto anuais, bem como por medidas de corte de custos e melhoria dos prêmios de qualidade do produto. Esse desempenho, aliado ao ritmo de recuperação dos preços das commodities, foi um dos principais responsáveis por sustentar o Ibovespa nas duas últimas semanas do mês. Paralelamente, os bancos brasileiros contribuíram de forma significativa para a valorização do índice. Apesar de alguns resultados mistos, o setor financeiro mantém o racional de ter múltiplos abaixo do histórico, entregou retornos consistentes de dividendos e exibiu crescimento de lucros saudável, reforçando seu apelo para os investidores. Dado o peso relevante desses setores no índice, o segmento Small Caps acabou ficando para trás, refletindo a preferência dos agentes por ativos de maior capitalização em períodos de incerteza moderada.

O panorama macroeconômico para o restante do ano indica uma diminuição da turbulência nas notícias. O Banco Central do Brasil deve manter, pelo menos até o fim de 2025, a postura de "*higher for longer*", sinalizando que cortes de juros só deverão ser considerados a partir de 2026. Essa perspectiva de política monetária mais estável tende a ancorar as expectativas de inflação, permitindo que a curva de juros siga com menor volatilidade. No âmbito político, as discussões sobre a eleição presidencial e as possíveis candidaturas da centro-direita também deverão ficar restritas ao horizonte de 2026, o que deve reduzir a volatilidade gerada por incertezas eleitorais nos próximos meses. Essa estabilização nas expectativas tanto monetárias quanto políticas cria um ambiente mais propício para que os investidores concentrem sua atenção na temporada de resultados do terceiro trimestre e nos indicadores microeconômicos que possam revelar novas surpresas positivas.

Em síntese, outubro apresentou um contraste marcante entre um início de mês mais prudente e uma retomada impulsionada por resultados corporativos robustos, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. A performance expressiva da Vale e dos bancos brasileiros foram os principais motores da alta do Ibovespa, enquanto as Small Caps ficaram aquém, refletindo a preferência dos investidores por ativos de maior capitalização em momentos de incerteza moderada. A temporada adiantada de resultados nos EUA, aliada ao vigor das empresas de tecnologia e ao ritmo acelerado da adoção da IA, reforçou a confiança nos mercados de ações globais. No horizonte futuro, a expectativa de menor volatilidade macroeconômica e a perspectiva de cortes de juros apenas a partir de 2026 criam um cenário mais estável, no qual a atenção se voltará para a capacidade das empresas de entregar desempenhos superiores na próxima rodada de resultados. Continuaremos monitorando essas dinâmicas, revisando periodicamente nossas posições e mantendo uma comunicação transparente para que possamos navegar as oportunidades e desafios que se apresentarem.

# FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// O DÓLAR, QUE HAVIA SE DESVALORIZADO NA PRIMEIRA METADE DO ANO, RECUPEROU PARTE DA PERDA IMPULSIONADO, ENTRE OUTROS FATORES, PELA FORTE DESVALORIZAÇÃO DO IENE DECORRENTE DA TURBULÊNCIA NA FORMAÇÃO DE UM NOVO GOVERNO JAPONÊS.



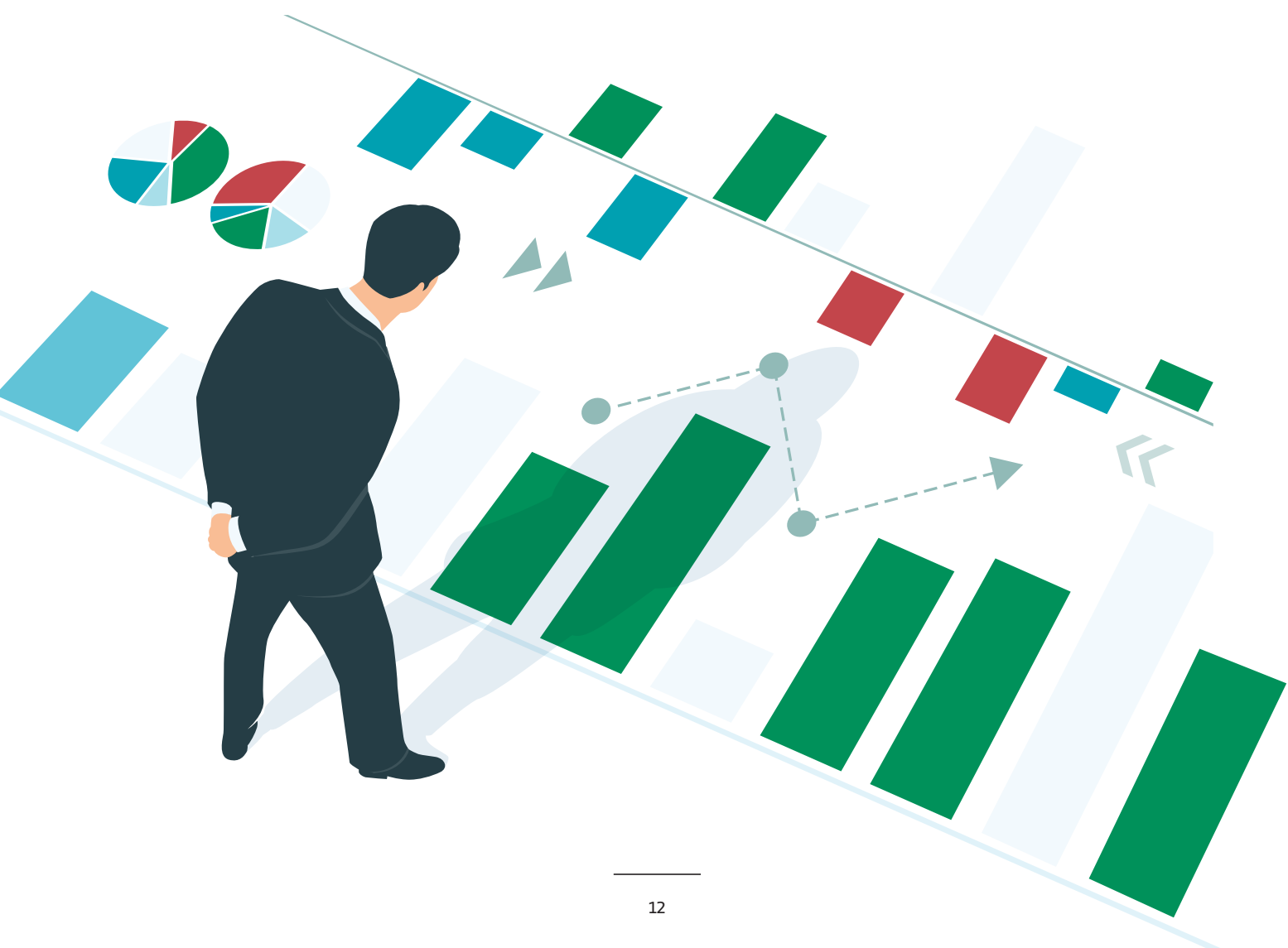
Em outubro 2025, os ativos de risco avançaram apesar das primeiras surpresas tarifárias nos EUA. A escalada foi atenuada por acordos firmados entre o presidente Trump e países asiáticos, sobretudo a China, que reduziu a tarifa efetiva sobre bens chineses em 10 p.p. e suspendeu o controle de exportação de terras raras, mantendo as tarifas médias ainda acima do início do ano, mas afastando o risco de uma guerra comercial total. O shutdown do governo americano impediu a divulgação dos principais indicadores, o CPI de setembro ficou abaixo das expectativas e o impacto das tarifas nos preços ao consumidor mostrou-se limitado. O Fed cortou a taxa básica em 25 bps, mas adotou tom mais hawkish, deixando em aberto um eventual corte em dezembro e sublinhando que a próxima decisão dependerá da retomada dos dados.

O dólar, que havia se desvalorizado na primeira metade do ano, recuperou parte da perda impulsionado, entre outros fatores, pela forte desvalorização do iene decorrente da turbulência na formação de um novo governo japonês. Na Europa, a confiança econômica melhorou, mas a inflação ainda está ligeiramente acima da meta do Banco Central Europeu, sustentando a política de juros em patamar estável. Na Ásia, o 15º Plano Quinquenal chinês destacou a autossuficiência tecnológica, IA e semicondutores, ao passo que a eleição de Sanae Takaichi à presidência do Partido Liberal Democrático gerou incerteza sobre a coalizão governamental, contribuindo para a volatilidade do iene.

No Brasil, a tendência de inflação corrente mais branda, aliada à postura cautelosa do BC, tem gerado revisões para baixo nas expectativas do Focus. O real, porém, rendeu um pouco menos que a média das moedas emergentes acompanhadas, reflexo da saída de dólares para pagamento de matrizes multinacionais e da possibilidade de nova alta do dólar. Enquanto isso, a atividade econômica segue em desaceleração lenta e gradual, sem que haja mudança relevante no hiato do produto, que ainda pressiona contra uma desinflação mais rápida e sustenta a decisão de postergar cortes de juros até que a trajetória de inflação e de atividade se consolide. A aprovação da isenção de IR para rendas até R\$ 5 mil combinada ao encontro entre Lula e Trump, que gerou expectativas positivas de acordos bilaterais, mantiveram o sentimento de risco em nível moderado, embora a incerteza política interna e a necessidade de monitorar a trajetória fiscal permaneçam centrais para o cenário futuro.

# ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
<b>Outubro</b>	1,28%	1,37%	1,23%	1,05%	1,03%	1,24%	2,26%	2,10%	0,43%
<b>2025</b>	11,76%	15,93%	12,33%	10,57%	9,42%	-13,05%	24,32%	23,92%	27,85%
<b>12 meses</b>	13,69%	13,41%	12,02%	7,69%	9,51%	-6,81%	15,29%	15,04%	12,56%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone - 0800-7Des15999 ou através do e-mail: [ouvidoria@br.bnpparibas.com](mailto:ouvidoria@br.bnpparibas.com) - O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: [brasil.bnpparibas.com](http://brasil.bnpparibas.com) (Administrador) ou [bnpparibas-am.com/pt-br](http://bnpparibas-am.com/pt-br) (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Novembro/2025. CP 33.2025

# VIEWPOINT



## BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

## O investidor sustentável para um mundo em mudança